

Dossiê: "Território, desejo e erotismo: cenas da vida sexual e libidinal no contexto brasileiro"

“Eu sou uma prostituta virtual”: intimidade, empreendedorismo e emoções na pornografia plataformizada¹

Léo da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/NAVISUAL)

leo1995nh@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8543-2114>

RESUMO

A pornografia plataformizada vem se destacando nos últimos anos por seu vertiginoso crescimento, tanto em número de usuárias, como de pessoas dedicadas à produção de conteúdos pornográficos. Desde o início dos isolamentos relacionados à pandemia de Covid-19, e das consequências diretas na economia, esse tipo de produção pornográfica tornou-se, com a promessa de bons rendimentos, autonomia e flexibilidade, uma possibilidade atrativa para pessoas excluídas do mercado de trabalho formal ou insatisfeitas com sua posição atual. A partir de entrevistas em profundidade com duas pessoas transgêneras que atuam nas plataformas Privacy e OnlyFans, realizadas no escopo de minha pesquisa de dissertação, investigou-se as motivações e experiências relacionadas ao trabalho com pornografia plataformizada, procurando compreender o que leva à escolha por trabalhos sexuais plataformizados e as experiências vivenciadas a partir deste. Conclui-se que apesar de emocionalmente desafiador e cercado de estigmas, o trabalho com pornografia plataformizada emerge para minhas interlocutoras como uma forma de driblar a exclusão dos processos formais de empregabilidade.

Palavras-chave: Pornografia; Plataformização; Antropologia da sexualidade; Emoções; Transgeneridade.

¹ Esse artigo é uma adaptação da pesquisa realizada em minha dissertação, intitulada “Eu sou uma prostituta virtual”: enTRANSlizando experiências entre produtoras de pornografia plataformizada (2025).

“I am a virtual prostitute”: intimacy, entrepreneurship and emotions in platformed pornography

ABSTRACT

Platformized pornography has stood out in recent years for its vertiginous growth, both in terms of the number of users and the number of people dedicated to producing pornographic content. Since the beginning of the lockdowns related to the Covid-19 pandemic, and the direct consequences on the economy, this type of pornographic production has become, with the promise of good income, autonomy and flexibility, an attractive possibility for people excluded from the formal labor market or dissatisfied with their current position. Based on in-depth interviews with two transgender people who work on the Privacy and OnlyFans platforms, carried out as part of my dissertation research, we investigated the motivations and experiences related to working with platformized pornography, seeking to understand what leads to the choice of platformized sex work and the experiences they have. The conclusion is that despite being emotionally challenging and surrounded by stigma, working with platformed pornography emerges for my interlocutors as a way of circumventing exclusion from formal employability processes.

Keywords: Pornography; Platformization; Anthropology of sexuality; Emotions; Transgenderism.

“Soy una prostituta virtual”: intimidad, espíritu empresarial y emociones en la pornografía plataformizada

RESUMEN

La pornografía plataformizada ha destacado en los últimos años por su vertiginoso crecimiento, tanto en número de usuarios como de personas dedicadas a la producción de contenidos pornográficos. Desde el inicio de los cierres relacionados con la pandemia de Covid-19, y sus consecuencias directas en la economía, este tipo de producción pornográfica se ha convertido en una posibilidad atractiva para personas excluidas del mercado laboral formal o insatisfechas con su posición actual, con la promesa de buenos ingresos, autonomía y flexibilidad. A partir de entrevistas en profundidad con dos personas transexuales que trabajan en las plataformas Privacy y OnlyFans, realizadas como parte de mi investigación de tesis, investigamos las motivaciones y experiencias relacionadas con el trabajo con pornografía plataformizada, tratando de entender qué lleva a la elección del trabajo sexual plataformizado y las experiencias que han tenido como resultado. Llegué a la conclusión de que, a pesar de ser un reto emocional y estar rodeado de estigmas, trabajar con pornografía plataformizada surge para mis interlocutores como una forma de eludir la exclusión de los procesos formales de empleabilidad.

Palabras clave: Pornografía; Platformización; Antropología de la sexualidad; Emociones; Transgenerismo.

Introdução

Desde meados de 2020, enquanto o mundo enfrentava a pandemia de Covid-19 e lidava com as políticas de isolamento, a indústria pornográfica vem vivenciando profundas transformações. Se por mais de duas décadas sites como *Xvideos*, *PornHub* e *Redtube* dominaram o mercado pornográfico, atualmente temos um contexto mais diversificado, em especial com a emergência de plataformas de conteúdo por assinatura como o *OnlyFans* e o *Privacy*, envolvidas em um processo de adaptação e reorganização das formas de produzir e assistir pornografia. Estamos vendo a transformação do modo com que as pessoas produtoras de pornografia se relacionam com as plataformas que hospedam seus conteúdos, com seus espectadores/clientes, como também em relação aos caminhos de divulgação e monetização desse conteúdo. Thomas Poell, David Nieborg e José van Dijk definem as plataformas “como infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados” (2020, p. 4). Os autores vão pensar como essas plataformas, por meio de infraestruturas de dados, mercados e governança, em conjunto com processos de dataficação da vida social, podem ser analisadas por uma perspectiva onde “práticas e imaginações sociais são organizadas em torno” (p.5) da platformização.

Essa nova forma de produção de pornografia é estruturada pela lógica conteúdos-plataformas-usuárias². As plataformas como a *OnlyFans* surgem como um elo entre a pessoa que busca monetizar parte de sua intimidade, produzindo conteúdos pornográficos (ou não), e outras pessoas, que são o mercado consumidor, dispostas a pagar pelo acesso a esses recortes da intimidade — ou pelo menos de algo que se faz parecer da esfera da intimidade. Não há ligação ou gerência direta das plataformas na produção de conteúdo. Seu papel nessa relação se assemelha à de um servidor, onde quem produz conteúdos pornográficos pode fazer upload do material e monetizá-lo por meio de assinaturas. O conteúdo fica hospedado na plataforma, que cobra uma taxa para controlar o acesso de assinantes e o processo de cobrança.

De modo geral, pode-se afirmar que as plataformas se firmam como ambientes online que viabilizam a interação entre diferentes usuários ou partes interessadas, sendo construídas sobre infraestruturas tecnológicas que podem ser acessadas por meio de dispositivos eletrônicos. Mas, mais do que isso, as plataformas são

² Optei por utilizar neste artigo o sujeito indefinido e o plural sempre no feminino, exceto quando me refiro exclusivamente à homens ou quando me refiro à usuários ou consumidores de pornografia.

Realizo essa distinção para sublinhar a grande maioria cis-masculina quando tratamos de consumidores de pornografia, em especial de pornografia trans.

construtos humanos, um desdobramento das relações sociais e, por conseguinte, inseparáveis dos objetivos a que perseguem e a que efetuam (Cinthya Bastos Ferreira, 2024, p.7).

Assim, as plataformas conseguem administrar uma grande base de produtoras de conteúdo sem investirem em produção e com mínima responsabilidade sobre o que é produzido ou quem produz. Não há nenhum tipo de vínculo empregatício entre plataforma e produtoras de conteúdo, demonstrando uma racionalidade típica do neoliberalismo, onde a autonomia na construção de seus próprios ganhos é realçada.

A midiatização dos mercados sexuais abriu portas para a contínua popularidade e ubiquidade da pornografia, tornando o mercado pornográfico mais interativo e acessível (Lorena Caminhas, 2022). Carolina Parreiras (2012) nos mostra que as funcionalidades proporcionadas pela plataformização da internet possibilitam maior interatividade usuária-usuária e usuária-produtora de conteúdo. Essa nova forma de produzir, vender e consumir pornografia realça uma categoria que ganhou especial relevância nas últimas décadas, em especial quando falamos dos ambientes digitais: a intimidade.

Mais especificamente, podemos falar de uma economia da intimidade (Eva Illouz, 2007) e de que forma a pornografia plataformizada se insere nesse movimento mais amplo. Ademais, é mister analisar de que forma o trabalho emocional está implicado nessa dinâmica de monetização da intimidade, como também pensar sobre os sentimentos desagradáveis que podem emergir desse trabalho e as consequências psicológicas envolvidas. Cabe dizer que há especial atenção às relações de gênero neste trabalho, tema que permeia desde a escolha das interlocutoras, como também a reflexão e escrita aqui apresentadas.

As reflexões apresentadas neste artigo estão alicerçadas em duas frentes metodológicas que são complementares. De um lado realizei entrevistas em profundidade com duas interlocutoras que trabalham com a produção de pornografia plataformizada. Duda³ é moradora de Sorocaba, no estado de São Paulo (SP) e tem 22 anos. É branca e se identifica como travesti e bissexual. Com ensino médio completo, Duda iniciou uma graduação em moda, mas não concluiu. Mora sozinha há mais de três anos, tendo relatado a necessidade de independência e privacidade como motivo para a saída da casa dos pais, apesar de manter boa relação. Iniciou a produção e venda de conteúdos pornográficos em 2023. Luna se identifica como mulher trans branca e bissexual, tem 26 anos e atualmente reside na cidade de São Paulo (SP). Teve trabalhos formais antes da transição de gênero,

³ Neste artigo utilizei nomes fictícios para proteger a identidade de minhas interlocutoras.

que ocorreu em 2020 em meio a pandemia. Foi também nesse período que iniciou o trabalho com pornografia, junto a uma amiga com quem reside atualmente. Possui grande base nas redes sociais, totalizando mais de 200 mil seguidores em seu perfil no X⁴ no qual divulga o trabalho com pornografia.

A outra frente metodológica é baseada em perambulações (Débora Leitão; Laura Gomes, 2017) nas plataformas de pornografia, em sites de notícias, redes sociais (em especial o X) e outros ambientes virtuais associados ao tema investigado. Essa postura perambulante se mostra como uma estratégia adequada já que os

ambientes digitais têm ritmos e topografias que produzem a impressão de estarmos em uma praça lotada de pessoas conversando, um espaço de rápida propagação de informações, imagens, opiniões e rumores, exatamente como o turbilhão de fluxos urbanos das grandes cidades (Leitão; Gomes, 2017, p. 45).

Assim, a proposta é então assumir se deixar levar pelas movimentações, ruídos, encontros inesperados, inquietações e agitações. Pensar o campo como uma rede de múltiplas conexões e trânsitos, processualmente construída pela articulação de fragmentos e associações (George Marcus, 1995). Dessa forma, impregnada por esses ritmos e trânsitos, pode-se entrar em contato, de maneira não rigidamente controlada, com uma gama heterogênea de vozes que ecoam nos ambientes virtuais, com a intenção de compreender as dinâmicas e processos envolvidos nas interações. Deste modo, adotar:

Uma sensibilidade etnográfica transeunte, de idas e vindas, percorrendo caminhos em meio à multidão de imagens e mensagens, pode ser profícua quando acionada na observação de plataformas que têm como característica os trânsitos intensos e a efemeridade (Leitão; Gomes, 2017, p. 46).

É mister apontar que essa postura perambulante e multissituada foi de extrema importância na minha aproximação com o campo, como também na compreensão das formas de organização e das relações que se estabelecem em meio a produção de pornografia plataformizada. Foi com essa imersão perambulante que pude estabelecer as

⁴ Rede social prioritária no ecossistema de pornografia plataformizada. O X, fundado em 2006 com o nome Twitter, possui a proposta de ser um tipo de microblog, onde mensagens curtas de texto, atualmente com no máximo 280 caracteres, fotos ou vídeos podem ser publicadas (tweet), curtidas, respondidas e retweetadas. A rede social foi adquirida pelo bilionário Elon Musk em 2022, em meio a disputas políticas relacionadas a discussões sobre liberdade de expressão e moderação. Desde então algumas mudanças foram realizadas na plataforma, como a mudança do nome, a impossibilidade de ver quem curtiu posts de outras usuárias e o lançamento de uma assinatura paga com acréscimo de funcionalidades. Além disso, sob a diretoria de Musk, o X afrouxou algumas diretrizes sobre banimento de usuários, bloqueio de contas e exclusão de publicações. É atualmente uma das 10 maiores redes sociais do mundo, apresentando aproximadamente 611 milhões de usuários (Statista, 2024), sendo 21 milhões apenas no Brasil, seu sexto maior mercado global e um dos três mais ativos.

categorias de análise, construir o roteiro de entrevista, estabelecer associações e me deixar impregnar pelo contexto e pelas lógicas da produção desse tipo de pornografia. Por esse caminho metodológico busco compreender as motivações e experiências relacionadas ao trabalho com pornografia plataformizada, o que leva à escolha por esse tipo de trabalho e as experiências vivenciadas a partir dele.

O empreendedorismo pornográfico: neoliberalismo, corpo empresa e o trabalho com o corpo

O neoliberalismo, enquanto uma racionalidade econômica e política, promove o empreendedorismo como uma solução individualizada para problemas estruturais, deslocando a responsabilidade coletiva para a esfera individual. Michel Foucault (2008) afirma que essa doutrina moral-econômica redefine o indivíduo como um empresário de si mesmo (*self-made*), alguém que investe em seu próprio capital humano para maximizar sua produtividade e valor. Essa forma que o capitalismo assume acelera, segundo David Harvey (2005), a flexibilidade econômica, precarizando o trabalho e intensificando a vulnerabilidade dos trabalhadores. A uberização é um dos elementos mais contemporâneos desse processo ao fragmentar o trabalho em tarefas individuais por meio da promoção de relações de trabalho mediadas pela tecnologia, representada pelas plataformas, configurando assim as relações de trabalho, ao transformar trabalhadores em microempreendedores.

Tom Slee (2017) descreve como esse processo promove desregulamentações, instabilidade, precariedade e o acirramento das assimetrias de poder nas relações de trabalho. Utilizando o conceito de "economia do compartilhamento", o autor afirma que essa lógica econômica oculta estruturas profundamente desiguais, com trabalhadores sujeitos a avaliações constantes de desempenho, desmantelamento das estruturas de proteção social e a uma concorrência exaustiva. Uberização e plataformização são processos individuais, mas que se confundem por sua relação com a contínua digitalização do trabalho, em especial dos trabalhos relacionados à prestação de serviços.

A pornografia plataformizada surge enquanto um dos mais recentes elementos dessa moral neoliberal, prometendo altos lucros de forma autônoma e flexível. Uma oportunidade de construir a si mesmo, de produzir um tipo de marca atrelada à sua imagem e ao seu nome. Alternativa reluzente em um mercado de trabalho formal instável, cansativo, seletivo e muitas vezes excludente. Mercado esse que vem sendo preterido por

uma geração que busca justamente por flexibilidade e independência⁵. E é justamente a pretensa facilidade em obter lucros, a autonomia, a flexibilidade e a possibilidade de empreender individualmente que são sublinhadas nos discursos de minhas interlocutoras:

Hoje eu ganho muito mais do que em trabalhos formais, muito mais [do] que como vendedora. Eu ganho o dobro agora, trabalhando menos tempo. Eu faço minha meta diária em três horas no Câmera Privê (Duda, entrevista realizada por videochamada em 24/09/2024, com duração de 1h27, e posteriormente transcrita. Todas as citações da interlocutora ao longo do texto são originadas desta entrevista)⁶.

A ideia de ter uma meta flexível, com menor carga horária e com lucros superiores ao trabalho formal é atrativa e demonstra um comportamento de descrença com as formas mais tradicionais e coletivas de trabalho e emprego.

Então, acho que a internet e as redes ajudam muito a gente nisso. Porque, por exemplo, como eu trabalho por conta própria, eu consigo fazer a minha renda. Tenho minha meta diária, sei que poderia fazer mais, não faço porque acho cansativo. Mas me dá oportunidade de alcançar coisas mais rápido e conseguir ter uma renda muito maior do que eu teria como [contratada em um regime de trabalho] CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Porque querendo ou não ali você vai crescendo, vai ganhando seguidores, vai ganhando fãs que vão te dando presentes (Duda).

O dinheiro, o valor que eu ganho é muito bom. Às vezes eu penso em parar, ir pra CLT, mas não vai valer a pena pra mim, não vai valer em questão de dinheiro e depois de tanto tempo tu não tendo que ter uma rotina e aturar chefe, esse tipo de coisa... a independência que esse trampo me trouxe me faz continuar nele. (Luna, entrevista realizada por videochamada em 09/07/2024, com duração de 1h33, e posteriormente transcrita. Todas as citações da interlocutora ao longo do texto são originadas desta entrevista).

A plataformização do trabalho sexual é lida por Helen Rand (2019) em termos de empreendedorismo sexual, onde as produtoras de conteúdo são levadas a criar sua marca pessoal e gerir sua publicidade e operacionalização. Em uma sociedade cuja racionalidade da maximização dos lucros impõe, a possibilidade de escolha de um trabalho bem remunerado, autônomo e que demanda pouca dedicação em relação a outros trabalhos é

⁵ Uma marca recente desse fenômeno encabeçado pela geração Z é a música “OnlyFans” de Bibi Babydoll, artista proeminente nos últimos anos. Na letra a frase “eu não nasci pra trabalhar como CLT, abri meu OnlyFans e é foto que eu vou vender” se repete diversas vezes.

⁶ Adoto esse modelo ao apresentar as falas de minhas interlocutoras como posicionamento ético em relação a elas e suas contribuições para a pesquisa aqui apresentada. A intenção é destacar suas falas, experiências e cosmologias como o que são: produção de conhecimento, teoria social, reflexões críticas com base em dados empíricos vivenciados por elas mesmas. Esse posicionamento busca tensionar a autoridade etnográfica em representar o *outro*, evidenciando esse enquanto sujeito produtor de sua história.

extremamente atrativa. Mas isso nos diz mais sobre as escolhas individuais ou sobre as estruturas de empregabilidade e segurança social?

Ao olharmos para os excertos que apresentei isoladamente podemos pensar em categorias como lucro, independência e empreendedorismo como centrais quando falamos sobre as motivações para a produção de conteúdo pornográfico em plataformas *online*. E sim, elas sem dúvida são partes do conjunto de fatores que motivam essas pessoas a escolherem a pornografia como fonte de renda. Porém, a motivação de cunho econômico esconde estruturas de poder, relações de gênero e a própria lógica cultural do neoliberalismo. As dinâmicas que envolvem a lógica neoliberal e seus efeitos são bem documentadas (Foucault, 2008; Harvey, 2005), tendo a precarização um papel central em muitas discussões. O empreendedorismo, muitas vezes associado à precarização do trabalho, é frequentemente romantizado como liberdade e independência. Mas esconde as estruturas de desigualdade de oportunidades, a falta de segurança social, os efeitos psicológicos do trabalho individualizado e a erosão das identidades ligadas ao trabalho. Assim, precariza as condições de trabalho, ao mesmo tempo que reforça uma narrativa de autonomia que mascara as desigualdades estruturais (Ludmila Abílio, 2020).

Era pandemia, eu tinha saído do meu trampo, começado a transição, recebendo aquele auxílio vergonhoso do governo na época. Comecei a transição [de gênero], queria explorar isso de alguma forma, estando presa em casa. (Luna).

Eu queria conseguir... principalmente em período de pandemia eu queria conseguir me sustentar de alguma forma. No início era tipo assim, se conseguir pagar meus hormônios tá ótimo... roupa novas, essas coisas. Quando vi, virou minha fonte de renda. (Luna).

As falas de Luna mostram que em um ambiente de alto desemprego e baixa qualidade dos postos de trabalho, a opção por empreender se torna um tipo de bote salvavidas. Jacob Lima (2010) vai dizer que o empreendedorismo, ou de maneira geral como ele aborda em seu texto, o autoemprego, muitas vezes é alimentado pela falta de emprego e pela promessa de um trabalho flexível. Então, é produzido um ambiente onde o desemprego é categorizado enquanto uma mazela individual, o que esconde os problemas estruturais de desigualdade. É vendida a ideia de que o trabalho formal não compensa, e que, empreendendo, você pode chegar muito mais longe, muito mais rápido. E Luna reconhece que mesmo dentro da onda de empreendedorismo pornográfico o imperativo neoliberal da meritocracia e da concorrência estão presentes.

Eu tenho um amadurecimento no sentido de que quem quer começar [o trabalho com pornografia platformizada]. Eu acho que plataformas tipo o Privacy que divulga que tem meninas fazendo milhões... eu acho falso, não é assim que acontece. A cada cinco de mim tem uma que dá certo. Não é um bagulho que acontece assim [do nada]. Eu não tinha muita percepção antes, eu acho que eu comecei meio que junto com o OnlyFans... então minha visão

sempre foi de trampo assim. Claro que as pessoas têm uma visão péssima da gente que trabalha com isso... mas que não é tão... nublado assim como as pessoas fazem parecer ser, trabalhar com conteúdo na internet. Minha visão é essa, é meu trampo assim, é meu trabalho e é isso (Luna).

Porém, também há o entendimento de uma característica específica do empreendedorismo pornográfico: a efemeridade.

É uma coisa que me assusta, porque eu sei que é um bagulho com data de validade. Querendo ou não, uma hora eu vou cansar ou eu vou envelhecer. Mas eu acho que dá pra ficar, por mim, mais uns cinco anos (Luna).

Olha, eu espero ter parado daqui uns seis anos, espero ter me aposentado de alguma forma (Luna).

Eu tenho muita vontade de trabalhar com outra coisa. Eu quero muito estudar daqui a um tempo. No momento vejo isso muito válido, porque como eu disse eu ganho muito mais do que em um trabalho CLT em pouco tempo (Duda).

Não é um trabalho para a vida toda. Não é uma profissão. Não há sentimento de pertencimento, de classe ou de coletividade. É um tipo de *gig economy*⁷: temporária, flexível e informal. Uma ponte entre um momento de necessidade e a esperança de outro futuro. Mas existem também questões da ordem de gênero nas motivações, mesmo as de cunho econômico. Se o mercado de trabalho formal contemporâneo já se mostra desafiador de forma geral, para pessoas trans⁸ as barreiras podem ser ainda mais precarizantes.

Meu primeiro emprego no centro [de São Paulo] foi em um restaurante, que eu fiquei bem pouco tempo, porque eu sofria muito bullying dentro desse lugar. Era absurdo (Duda).

⁷ Arranjo de trabalho onde as pessoas exercem uma atividade *freelancer*, definida como temporária, independente e sob demanda, muito associada aos trabalhos em plataformas.

⁸ Utilizarei o termo trans para me referir a pessoas transvestigenere, termo cunhado por Erika Hilton e Indianare Siqueira para abranger uma gama de identidades, entre elas homens e mulheres transgênero, travestis, transmasculines, pessoas trans não binárias e várias outras que fogem do CIStema. Também utilizarei o termo cis quando me refiro a pessoas cisgêneras, ou seja, cujas identidades de gênero e padrões de comportamento estão alinhadas com o sexo que lhes foi atribuído antes de nascer. Tais marcadores político-intelectuais são importantes ferramentas de evidenciação das diferentes diferenças? em discussões que envolvem normas de gênero, relações de poder e vulnerabilidade. Além disso, é importante destacar, em sintonia com a posição de Amara Moira Rodovalho (2017), que a produção do termo e identidade cisgênera não se refere a uma essencialização, mas sim como ferramenta política: desvelar justamente a naturalização dos corpos cis, tornando visível sua posição hegemônica e universal. É uma postura que visa demonstrar os privilégios naturalizados da cisgeneridade e evidenciar a construção normativa da transgeneridade como alteridade.

Não, fiquei uns três ou quatro meses. Porque eu já tava trabalhando com conteúdo e vi que era algo que tava dando certo. Por mais que os funcionários tenham começado a me respeitar, eu atendia o público. Era no centro da cidade, atendia muitas pessoas por dia. Ninguém me tratava no feminino, sabe? Eu ia maquiada, no crachá tava meu nome social e não me respeitavam. Então era muito torturante, desgastante (Duda).

E se o mercado de trabalho formal é psicologicamente torturante e socialmente excludente, o empreendedorismo pornográfico aparece como uma possibilidade de fuga. Não uma escolha, mas o caminho possível dado o contexto.

Antes mesmo da transição eu já tinha um Twitter +18 e trabalhava com o OnlyFans, mas não focava tanto. Só que depois da transição, quando vi que a questão de trabalho seria muito mais difícil, daí eu foquei em crescer mais para conseguir me sustentar com isso, igual faço hoje (Duda).

Mas, se eu tivesse em um trabalho CLT, seria muito pior pra minha cabeça. Porque 90% das pessoas que eu atenderia não estariam me respeitando e ali não. Por mais que seja uma sexualização enorme sobre um corpo de uma travesti, ainda são pessoas que estão me procurando porque eu sou travesti. Só teve uma vez que tive problema no Câmera Privé, mas de resto respeitam meus pronomes. (Duda)

Uma coisa que eu percebi foi quando eu transicionei dentro do meu trabalho como CLT... eu sempre fui uma ótima vendedora e sempre deram muita importância pra isso. Me levaram para reuniões em São Paulo, queriam que eu crescesse ali dentro. Mas, a partir do momento que eu transicionei, por mais que eu continuei sendo a vendedora que eu era, tudo isso acabou. Não tinha mais chance de crescer ali dentro. Diferente dessas redes, onde a gente consegue crescer e ganhar cada vez mais. (Duda)

Na falta de oportunidades, o trabalho sexual, já socialmente associado à população trans, aparece como um caminho de acesso possível a uma fonte de renda. É como se já fosse esperado isso dessas pessoas, o que foi internalizado por elas, tornando a possibilidade de produzir pornografia mais aceitável. É importante pontuar que a construção da imagem social da “travesti prostituta” parte de dois aspectos. Como mostra Dionys Melo dos Santos (2015) esse imaginário social é moldado pela forma que travestis e mulheres trans foram (e ainda são) retratadas na mídia, em produções audiovisuais e jornalísticas (Weberson Ferreira Dias; Suely Henrique de Aquino Gomes; Deyvisson Pereira da Costa; Mayllon Lyggon de Sousa Oliveira, 2023). O que percebemos é que há um comportamento histórico de retratá-las em associação com criminalidade, violência e prostituição⁹. Porém, não podemos esquecer do fator material que subjaz essa questão.

⁹ Ver também o filme *Disclosure: Trans Lives on Screen*, que, a partir de relatos de pessoas transgênero pertencentes à indústria cinematográfica e de um resgate histórico de produções que retratam corpos trans, nos leva a uma análise das formas que essas pessoas e esses corpos foram representados na indústria hollywoodiana.

Dados do Censo Trans (Rede Trans, 2020) mostram que mais de 80% das travestis e transexuais são profissionais do sexo, situação que compõe uma das principais lutas da comunidade.

Economia da intimidade

A transformação da produção pornográfica, que sai da hegemonia das grandes produtoras para um modelo amador e de autogestão (Laura Milano, 2014), está relacionada a um movimento mais amplo de monetização da intimidade. O interesse por plataformas como *OnlyFans*, *Privacy* ou serviços de *webcamming erótico*¹⁰ se dá em meio à busca por relações mais próximas, exclusivas, emocionais e interativas. O que se pode perceber é que a dissolução das estruturas de afeto e cuidado e a instável sensação de comunidade vendida pelas redes sociais, que muitas vezes mais isolam do que aproximam, são componentes de um movimento do capitalismo de monetização do cuidado e das emoções. As pessoas, cada vez mais sozinhas e com relações sociais fragmentadas, resultado de uma política individualista associada à colonização e exploração capitalista, passam a valorizar o afeto como um produto. Como bem pontua Mariana Baltar (2018):

O contexto contemporâneo da hipertrofia da intimidade se caracteriza pelo crescente desejo de olhar a intimidade do outro e, acima de tudo, também pelo desejo de ser visto em sua própria intimidade. Assim, chama atenção o fato de que transformar a intimidade em algo a ser publicizado é hoje uma quase uma condição para existir, principalmente no mundo online, onde o que se é define se pelo o que aparece e o que está visível à flor da pele (Baltar, 2018, p. 567).

É neste contexto que a pornografia plataformizada se insere, já que fornece uma plataforma acessível, interativa e informacional-comunicativa excelente “para dar vazão a personalização do desejo do consumo de corpos, identidades e subjetividades e divulgação da intimidade” (Baltar, 2018, p. 568). Como nos mostra a extensa literatura sobre gênero e relações de poder generificadas, a sexualidade, como uma tecnologia de governo dos corpos (Michel Foucault, 2012), centro de um sistema de controle social (Gayle Rubin, 1993), é local privilegiado para a emergência desse fenômeno.

Duda e Luna reconhecem que a pornografia que produzem está ligada a categorias como intimidade, exclusividade e pessoalidade. Há um interesse em interagir com quem

¹⁰ Modalidade onde pessoas, em sua maioria mulheres, performam e monetizam atos sexuais e/ou eróticos por meio de webcams e outros dispositivos de gravação, usualmente em tempo real. Para saber mais, consultar Lorena Caminhas (2021).

está do outro lado da tela; o estabelecimento de um tipo de conexão, além de ser monetizado, é um fator que movimenta as estruturas de desejo.

Percebi também que os clientes querem algo que seja real, não que tu finja. Querem conexão (Duda).

Eu acho que sim, por causa que é meio que exclusivo. Por exemplo, o OnlyFans oferece chat... eu não mantendo muito contato, porque é muita gente. Mas sempre que eu posso vou lá, dou uma conversada. Isso faz ser meio que pessoal, sabe? Então acho que isso... ainda mais na pandemia que tava todo mundo solitário, isso influenciou bastante pro pessoal começar a consumir esse conteúdo pago (Luna).

É o mesmo rolê, eu acho que tem um toque mais pessoal. É eu no meu quarto, não é tipo estúdio, luz, todas aquelas coisas. Até na estética, dá uma diferenciada. É igual tem gente que prefere pornô caseiro, esse rolê (Luna).

A possibilidade de acessar a esfera privada de alguém, de se envolver em uma relação que é construída — por meio de múltiplas formas de interatividade, construção visual, postura nas redes sociais — para simular intimidade se configura como algo excitante para o público das minhas interlocutoras. O consumidor quer se sentir exclusivo, importante; busca por atenção, reconhecimento e acesso à privacidade da outra pessoa. Essas são infraestruturas que a pornografia hegemônica não entrega com a mesma intensidade, porque, mesmo quando simula intimidade, em especial em produções classificadas como ‘amadoras’ ou ‘caseiras’, mantém maior distância do público consumidor. A construção do personagem, como coloca Duda, é baseada na interatividade, na relação de comunicação, direta ou indireta e no acesso ao objeto de desejo. Se podemos fazer uma analogia, seria como comprar em uma grande rede de supermercados ou ir ao mercadinho da esquina, onde a proprietária conhece você, te sugere produtos, anota no “caderninho” para você pagar no fim da semana. Há pessoalidade na relação, sensação de ser além de um espectador ou de “mais um” no meio de tantos.

Quando olhamos comparativamente para a estrutura das plataformas de conteúdo por assinatura (figura 1) e dos sites pornográficos hegemônicos (figura 2) é possível perceber essa pessoalização.

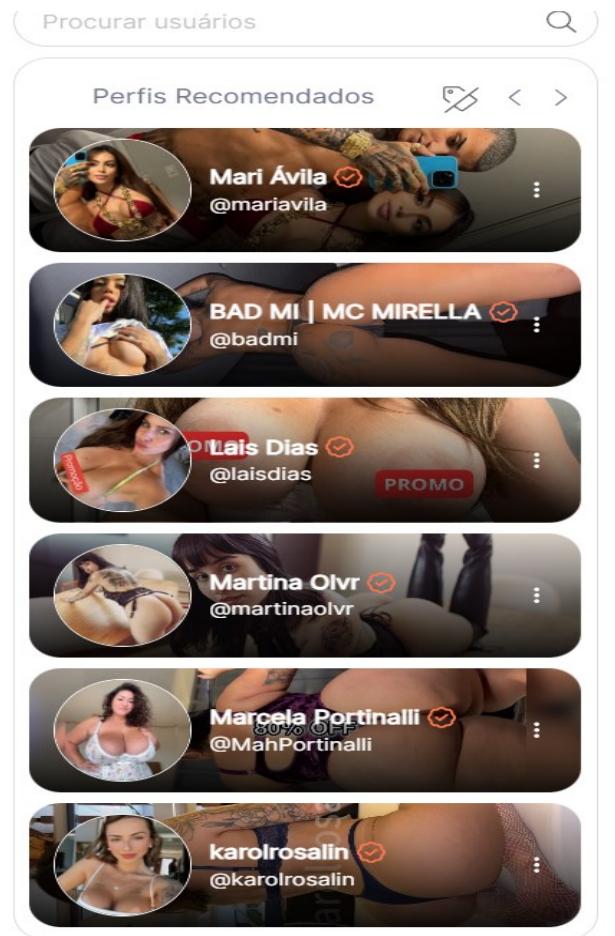


Figura 1. Página inicial do Omnytrans. Acervo pessoal.

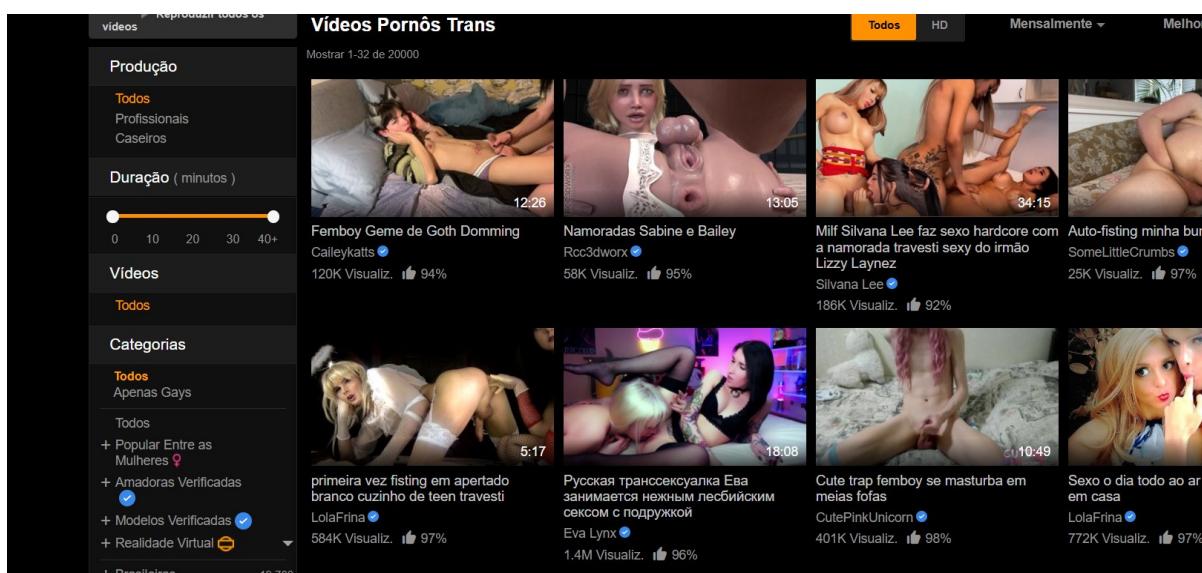


Figura 2. Página inicial do Pornhub. Acervo da autora.

Enquanto no *PornHub*, um dos maiores sites de pornografia no mundo, a ênfase é nos vídeos como produtos, com a possibilidade de busca por categorias (como gênero, práticas sexuais e tempo de duração), no *Privacy* e em outras plataformas são apresentados perfis. O que se vende nessas plataformas é a assinatura nos perfis e não o conteúdo em si. Além disso, no *PornHub* e outros similares você pode acessar anonimamente, ou seja, sem criar uma conta, mas nas plataformas como o *Privacy*, para ter acesso à página inicial, é preciso estar cadastrado.

Vários trabalhos têm associado esse movimento em termos de busca por autenticidade (Daniel Laurin, 2019; Paul Ryan, 2019). A autenticidade pode estar relacionada a questões de representação e interatividade. A pornografia apenas como um vídeo ou uma fotografia que excita já não tem o mesmo apelo que a experiência íntima de interagir com a produtora de conteúdo, de sentir que tem algum controle nessa relação e que ela se desdobra para além do sexo: o desejo é suscitado também por outros caminhos além da representação do coito. Ademais, a ideia de que aquela relação é real¹¹, que poderia acontecer daquela forma na vida cotidiana se configura como algo excitante nesse contexto. Não mais a idealização do “sexo perfeito e higienizado” da pornografia tradicional (produzida em estúdios, com maior acesso a equipamentos e funções segmentadas e pré-estabelecidas), mas a promessa de uma experiência palpável e concreta.

Assim, podemos falar de forma mais ampla em uma economia da intimidade: a mercantilização das relações sociais, pessoais, afetivas e sexuais, por meio da monetização de experiências que simulam ou envolvem intimidade (Illouz, 2007). No contexto neoliberal podemos perceber a comercialização da intimidade, antes restrita à esfera privada. Eva Illouz (2007) vai dizer que a intimidade é reestruturada pela lógica capitalista como um produto que pode ser precificado e comercializado. Arlie Hochschild (2003), apresenta a noção de trabalho emocional, onde as emoções, o cuidado e o afeto são regulados e monetizados. Aspectos da vida privada são então transformados em serviços pagos. As produtoras de pornografia plataforma frequentemente simulam interesse, desejo, excitação e afeto como forma de produzir engajamento, o que é claro não é exclusividade desse tipo de pornografia. Mas, como tenho demonstrado, as produtoras de

¹¹ O “real” e o “artificial” são conceitos ambíguos quando falamos de relações na e a partir da internet. Segundo Carolina Parreiras (2011) devemos pensar o virtual de maneira mais fluida, como um espaço de trânsito, por onde podemos alternar entre o *online* e o *offline*, envolto por práticas, representações e relações. No contexto que emprego esse termo seu significado está ligado a uma relação que, apesar de acontecer na internet, consegue simular intimidade e aproximar o consumidor, borrando as fronteiras entre “real” e “artificial”, entre *online* e *offline* ou ainda entre verdade e ficção.

pornografia em plataformas por assinatura utilizam de dinâmicas da sua vida pessoal (encontros, situações de intimidade) e da interação direta e indireta com seus consumidores como ferramentas de engajamento.

O que podemos perceber é que a pornografia plataformizada não opera apenas por suas representações visuais, mas também pela maneira como mobiliza desejo, curiosidade e excitação (Susanna Paasonen, 2011). Os consumidores experienciam uma conexão emocional e física com os corpos representados na tela, apesar de reconhecerem o caráter mediado dessas interações: “A digitalização da pornografia transforma o corpo em local de conexão afetiva, onde engajamento sensorial conecta o físico e o virtual” (Paasonen, 2011, p. 95, tradução minha)¹².

“Eu sou uma prostituta virtual”: medo, ansiedade e insegurança na pornografia plataformizada

Apesar de ser visto de forma menos arriscada do que a prostituição, o empreendedorismo pornográfico carrega consigo uma outra gama de riscos. Ao ser questionada sobre as semelhanças e diferenças entre a produção de pornografia e a prostituição, Duda responde que a diferenciação não está no teor do trabalho, ou baseado em ideais moralizantes sobre a prostituição, mas sim em termos de exposição aos riscos.

Eu acho que é praticamente a mesma coisa. Muitas pessoas tentam higienizar isso, como se fosse horrível fazer programa, mas online tá tudo bem. Eu falo que eu sou uma prostituta virtual. Eu tô vendendo meu corpo por dinheiro e não vejo problema nenhum nisso. É um trabalho como qualquer outro. Eu acho muito interessante termos essa sensibilidade agora, porque ainda é um trabalho que garante tua segurança. Tenho amigas que fazem programa de rua e elas já sofreram coisas terríveis, como o bofe tirar a camisinha sem elas saberem, ou serem machucadas, expostas às IST's (Duda).

A prostituição, por ser um trabalho que possui contato físico e que é associada a uma dinâmica mais complexa de aliciamento e rufianismo¹³, mas também de organização social e política (Carolina Bonomi, 2019), apresenta riscos mais evidentes e associados à

¹² "The digitalization of pornography transforms the body into a site of affective connection, where sensory engagement bridges the physical and the virtual".

¹³ Rufianismo, também conhecido como cafetinagem, é uma forma de exploração sexual onde alguém se aproveita financeiramente da prostituição de outra pessoa. É tipificado pelo Artigo 230 do Código Penal Brasileiro.

violência. Os riscos e violências associadas a pornografia são frequentemente invisibilizados ou ignorados, mas percebidos por minhas interlocutoras.

Mesmo que eu trabalhe com pornografia, ainda não tô na prostituição. Tipo... eu me preservo muito da exposição que a prostituição traz. Então é isso, eu acho um lugar mais "safe". Entre parênteses mesmo, porque controle de imagem eu não tenho mais... se tu botar meu nome no Google eu tô lá pelada. Mas a independência e o financeiro meio que cobrem [essa exposição virtual]. (Luna)

Isso. Quando eu comecei com as plataformas eu encerrei isso [a venda direta de conteúdo pornográfico]. Eu comecei com as plataformas porque meu conteúdo tava sendo vazado. Alguém comprou de mim e tava vendendo por mim. (Luna)

O vazamento de imagens e a segurança com seus dados é uma das principais preocupações. Lidar com a possibilidade de ter suas imagens vazadas publicamente implica na perda de controle sobre elas e, portanto, sobre si mesmas.

A perda de controle da imagem, isso é uma coisa que nunca mais vou recuperar, tá aí pra quem quiser ver. Acho que esse é o maior [risco] de todos. (Luna)

Ano passado eu tava bem nojada de ter perdido controle de imagem, eu fiquei bem mal. Mas hoje eu já fiz as pazes com isso, eu tô de boa. (Luna)

Esses relatos me levaram a pensar no conceito de desfazimento de si abordado por Maria Elvira Díaz-Benítez (2015). O intuito é pensar como algumas emoções, como a vergonha ou a humilhação, realizam um trabalho profundo nas subjetividades, principalmente quando falamos de pessoas que se relacionam socialmente por meio de características associadas à feminilidade. A questão é nos perguntarmos se um homem cis experiencia essa insegurança quanto ao vazamento de imagens da mesma forma que pessoas femininas ou trans. Me parece que o vazamento de imagens íntimas de homens cis é interpretado em termos de virilidade, expressão de masculinidade ou potência. Como Díaz-Benítez (2019) pontua, o arrependimento em relação a homens cis é mais ativado em situações em que as práticas estão relacionadas a um crime, enquanto mulheres (ou pessoas trans) tendem a se arrepender por desejos. Penso em ir além: tratando-se do vazamento de imagens íntimas de homens cis é bastante comum que sejam acentuadas emoções relacionadas ao orgulho e à reafirmação da masculinidade, principalmente quando as imagens vazadas estão relacionadas ao falo ereto. Esse mesmo tipo de imagem, quando tratamos de mulheres trans ou travestis, pode estar associada à vergonha e ao nojo de si.

Contudo, minhas interlocutoras são jovens e ainda não possuem um distanciamento temporal em relação ao seu trabalho com pornografia. Porém, com o passar do tempo, situações que antes eram vistas pela ótica do desejo ou até mesmo como meros dissabores ou riscos, podem ser interpretadas no futuro por meio de categorias como a vergonha. Esse é um risco que minhas interlocutoras não calculam com profundidade e que, como mostra o trabalho de Díaz-Benítez (ano), pode levar a um descolamento do eu em relação ao corpo, alterando a percepção que o sujeito possui de si mesmo, “uma desqualificação que atua no âmbito moral, simbólico e psicológico” (Díaz-Benitez, 2015, p. 189). O sentimento de culpa pode crescer e se instalar nas subjetividades, fazendo os sujeitos pensarem que são responsáveis pela vergonha, ridicularização e humilhação. É uma dupla transgressão da norma: primeiro por assumir essa identidade trans, mas também por ter a audácia de explorar de forma livre sua sexualidade. É a subjetivação de que se infringiu algum tipo de regra moral e por conta disso a punição de ter suas imagens íntimas vazadas parece adequada.

Outra dinâmica que podemos identificar a partir dos relatos está relacionada ao medo de que a sexualização de seus corpos de forma violenta afasta qualquer possibilidade de afeto ou de que essa sexualização se transforme em outros tipos de violência mais grave. Aliás, esse é um ponto relevante. Minhas interlocutoras em nenhum momento se referem às situações negativas ou desagradáveis em termos de violência. Díaz-Benítez (2019) aborda essa questão ao pensar que para definir uma experiência como violência é necessário um estatuto moral específico. Reconhecer a violência significa reconhecer-se como vítima, processo ligado a intersubjetividade, marcadamente relacional e histórico, envolto de julgamentos morais e de valores. Didier Fassin (2004) atenta para o caráter relacional e coletivo do sofrimento. É a experiência da violência que funda o sofrimento, porém, sempre conjuntamente e a partir das memórias e representações, individuais ou coletivas. Então, podemos pensar nos sofrimentos narrados por minhas interlocutoras em termos de violência, porém, ao pensarmos pela chave das emoções, podemos perceber uma dinâmica mais complexa e sutil.

É possível que minhas interlocutoras ainda não consolidaram suas representações sobre suas experiências. Ou não categorizam as experiências em termos de violência porque assumir a posição de vítima é também tornar a violência real, tanto para si como socialmente. Ou ainda que sua visão da pornografia como um trabalho positivo tenha influência na construção dessa representação e, possivelmente, a naturalização da violência em seu cotidiano faça com que os parâmetros que utilizam nessa categorização sejam mais permissíveis. Sabemos que configurações sociais tão complexas não possuem apenas um

nexo causal, mas sim uma pluralidade de relações, conexões, causas e dinâmicas que em associação produzem efeitos.

Eu acho que eu nunca deixei chegar em uma relação violenta. Só algo mais torturante... é muito difícil se relacionar depois disso, principalmente com homens (Duda).

Duda reconhece que existe um limite entre "algo mais torturante", que podemos pensar como sentimentos desagradáveis, e a violência. As bordas desse limite podem ser borradadas pelas experiências prévias de violência. Duda é vítima de violência sexual e experienciou diversas situações de transfobia. Luna sofreu *bullying* a ponto de abandonar a escola durante algum tempo. A noção que essas pessoas possuem da violência é moldada de acordo com seus contextos sociais. A própria atitude de evitar nomear a violência pode ser lida como forma de proteção, visto que suas memórias de violência são extremamente dolorosas.

Agora podemos compreender que o medo de que as situações desagradáveis se tornem violência está associado a uma dinâmica contextual e carrega todo um complexo de sentimento, de insegurança, vigilância, atenção e ansiedade.

Sim. É muita loucura, eu nunca tinha sentido isso até o momento que comecei a ter muitos seguidores no Twitter, cheguei a ter uns quinze mil. Eu fui em uma festa em Campinas (SP), chamada Bicuda e foi terrível, eu fiquei muito louca, é um techno. E em um momento eu estava lá, extremamente vulnerável e um cara chegou em mim e falou que me conhecia do Twitter, que era um grande fã. Eu teria lidado com isso normalmente se não estivesse vulnerável. Mas foi muito estranha a sensação, porque ele falou comigo, me abraçou e ficou ali do meu lado. Acho que as pessoas confundem muito isso. O que eu coloco no meu trabalho é uma grande atuação. As pessoas acham que por você produzir pornografia você é uma vagabunda que qualquer pessoa que chegar você vai querer fazer alguma coisa (Duda).

Já fiquei meio assustada, porque já recebi muitas mensagens de pessoas, anônimas, do tipo "te vi em tal lugar". Nunca fui ameaçada, mas é algo de estar sempre atenta (Duda).

O trabalho com pornografia pode ser um ponto de atenção em relação à saúde mental de suas produtoras. Em um trabalho sobre saúde ocupacional entre mulheres trans que trabalham com sexo, Marla Renee Fisher, Caitlin Turner, Willi McFarland, Aaron Samuel Breslow, Erin C Wilson e Sean Arayasirikul (2023) identificaram relatos de transtornos relacionados à saúde mental como principal queixa relacionada ao trabalho com sexo. Mais de 50% das interlocutoras relataram ansiedade e depressão como os principais tipos de lesão ocupacional. Acredito que em relação às minhas interlocutoras, quando falam em termos de atenção, angústia e insegurança quanto ao futuro, fica evidenciada uma preocupação relacionada à possibilidade de que as relações e dinâmicas

da produção de pornografia extrapolam o limite do *online*, tornando-se um problema em seus cotidianos. É o medo das consequências da exposição.

Elas também falam em termos de solidão e falta de afeto. Aqui o que está em jogo é o estigma associado ao trabalho sexual. Erving Goffman (2004) define o estigma como a condição de ser diferente, uma forma de marcar a outra pessoa — ou ainda da pessoa marcar a si mesma. Assim, o estigma é um instrumento de julgamento, atuando na desqualificação do outro e de sua condição, ao mesmo tempo em que concretiza a normalidade de quem está aplicando o atributo estigmatizante. Em relação ao trabalho com sexo, acredito ser possível uma conexão entre os trabalhos de Goffman (2004) e Foucault (2008; 2012). A ideia é pensarmos o estigma dentro de relações de poder, que produzem saberes e os validam enquanto verdades. Dessa forma, podemos associar o estigma com formas de vigilância e controle dos corpos. Pensando que Goffman (1987) almeja proceder a uma observação minuciosa do detalhe, “buscando ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas do cotidiano, utilizadas para o controle, dominação e — diremos também — produção de subjetividade no contexto institucional” (Benelli, 2014, p. 86), podemos perceber o estigma como uma forma de controle e disciplina. Quando Foucault (2012) nos fala sobre sexualidade acaba dirigindo a atenção para a explosão de discursos sobre os corpos, marcados não por um poder negativo ou de obediência, mas sim um poder normativo, coercitivo, de produção de subjetividades pela disciplina. O estigma pode então ser pensado como um desses discursos, uma forma de regulação dos indivíduos, de suas subjetividades e de suas práticas dentro das relações de poder, aproximando-se assim da noção foucaultiana de biopoder.

Eu acho que teve um impacto negativo. As pessoas quando sabem com o que você trabalha colocam um estereótipo em você. Então, muitas vezes eu tava conversando com pessoas, meninos mais especificamente, e no momento que eu falo com o que trabalho a conversa muda totalmente. O afeto diminui e vira uma coisa muito sexual. Como se eu fosse meu trabalho e não o que eu sou (Duda).

Tem muito esse risco dessa questão amorosa e afetiva. Não sei se em algum momento vou conseguir ter uma relação que seja saudável trabalhando com isso. Por isso tenho muita vontade de conquistar minhas metas e parar. E também nas questões de segurança, de tomar uma proporção muito grande e você acabar em uma posição de ser frequentemente reconhecida (Duda).

Mas às vezes você se vê muito sozinha. Você tá o tempo todo recebendo um tipo de atenção, mas é algo muito sexualizado e falso (Duda).

Talvez no quesito de relacionamento... quando eu falei que quando tu diz que trampa com OnlyFans tu vira a mina do OnlyFans. Tanto é que eu conto isso no quinto date, quando já

peguei confiança com a pessoa. Porque é isso, tu vira a mina do OnlyFans. Já tere caso de eu chegar lá e o bofe falar que me segue no Twitter. Ou de querer gravar. Tipo, não, eu vim transar, não vim trabalhar (Luna).

Os relatos de Duda e Luna mostram a dificuldade de estabelecer relações de afeto por conta do “estigma da prostituta”, que tende a desumanizar, depreciar e isolar pessoas que trabalham com a prostituição ou a pornografia. Tal imagem produz desejo pela imagem sexualizada e objetificada, mas repulsa pela pessoa. Clover Stutz, Nyx Gomes, Laura Ramsey, Teresa K King, Theresa E. Jackson e Sarah E. Martins (2023) reconheceram sentimentos de medo e solidão entre pessoas que trabalham com pornografia *online*, relacionados tanto à revelação pública de seu status como trabalhadora sexual, como também da dificuldade de manter relações afetivas. A ideia de um trabalho marcado, onde a pessoa carrega as marcas estigmatizantes do trabalho sexual, está relacionada com as estruturas sociais que limitam e controlam o corpo e a performance sexual feminina. É a noção patriarcal de que o corpo feminino se torna sujo e sem valor afetivo quando está relacionado ao trabalho sexual ou até mesmo à liberdade sexual feminina. A “puta” só tem valor quando está satisfazendo os desejos masculinos. Não serve para namorar ou constituir família.

Apesar de Duda assinalar que o trabalho com a pornografia vende uma falsa sensação de afeto, que não é concretizada, fica evidente uma contradição entre a autoestima oriunda do trabalho com pornografia, ou seja, um sentimento de validação, e a realização de que o desejo e admiração são restritos àquele espaço. Na pornografia são desejadas; fora dela são desprezadas.

Com certeza. É muito doido isso, tem o lado bom e tem o lado ruim. É um trabalho que te dá uma autoestima grande, de tu ver que muitas pessoas desejam tu. Mas, mexe muito com a cabeça porque tu percebe que, assim, muitas pessoas me desejam aqui, mas na rua dão risada de mim. É muito complexo. É uma sensação bem estranha, de ser famosa ali, mas na rua ser ridicularizada (Duda).

Clover Stutz, Nyx Gomes, Laura Ramsey, Teresa K King, Theresa E. Jackson e Sarah E. Martins (2024) abordam essa questão ao olhar para dois paradigmas muito presentes nos estudos sobre trabalho sexual. De um lado estudos que sugerem que esse tipo de trabalho é oprimidor; essa linha de pensamento vai pensar por meio de categorias como desvio, violência, exploração, objetificação. Por outro lado, o paradigma do empoderamento “sugere que o trabalho sexual requer agência, pode ser validador, empoderador, e deve ser entendido como qualquer outra forma de trabalho” (Stutz,

Gomes, Ramsey, King, Jackson, Martins, 2024, p. 90, tradução minha). As autoras apontam um terceiro caminho, onde essa dicotomia é problematizada e o trabalho sexual visto como uma experiência complexa, contextualizada e mediada por forças estruturais e microrrelações. Assim, em meio a esse emaranhado de relações e forças, Duda e Luna desenvolvem estratégias de mediação entre a opressão e o empoderamento (Caminhas, 2025). O que se busca é utilizar do empoderamento como afirmação de suas identidades, tomando cuidado para não se deixar enganar por falsas promessas de afeto e tentando separar o mundo da produção pornográfica das suas relações pessoais. Desenvolver redes de afeto, produzir alianças e dinâmicas de cuidado, sem deixar de manter um olhar crítico sobre as estruturas de opressão, construindo estratégias de enfrentamento ao estigma.

(In)conclusões propositivas

Neste artigo propus perpassar por algumas dinâmicas envolvidas na produção e monetização de conteúdos pornográficos. Para isso, utilizei das perambulações nas plataformas e redes sociais, assim como material oriundo de duas entrevistas em profundidade. A partir disso pude compreender as formas de organização e as relações que se desenvolvem entre as empreendedoras, as plataformas e os consumidores. Primeiro, mostrou-se necessário abordar a relação da pornografia plataformizada com a informalidade e os processos neoliberalizantes do mercado de trabalho. A produção de pornografia emerge para minhas interlocutoras como uma forma de driblar a exclusão dos processos formais de empregabilidade. A dificuldade de encontrar ou se manter em trabalhos formais, em especial por conta do preconceito e dos episódios de transfobia, mas também pela falta de oportunidades de crescimento profissional, contribui para que busquem uma fonte de renda autônoma, flexível e com remunerações mais altas do que encontram no mercado formal. O empreendedorismo como bote salva-vidas em um mercado de trabalho precarizado.

Porém, o trabalho com pornografia plataformizada também se mostra desafiador. Como relatam, a perda do controle sobre a própria imagem e a possibilidade de vazamento ou de usos escusos do material produzido são fatores que contribuem com sentimentos de medo e insegurança. Esses sentimentos, em conjunto com o estigma associado ao trabalho sexual, podem engendrar uma situação de nojo de si, bastante cruel e psicologicamente debilitante, em especial se tratando de uma população com pouco acesso aos serviços de saúde. A noção de intimidade foi bastante útil como forma de amarrar a emergência desse tipo de pornografia e as configurações emocionais de um mundo cada vez mais conectado, mas progressivamente mais individualizado.

Se, de um lado, as pesquisas relacionadas ao trabalho sexual, em especial sobre prostituição, formam um campo bem estabelecido nos estudos antropológicos e sociológicos no Brasil, há ainda um caminho em aberto para pesquisas que tratam do trabalho sexual plataformizado, em especial uma lacuna para pesquisas que pensem transgeneridades e pornografia plataformizada. Dessa forma, o olhar antropológico, atento às relações, às experiências vividas e narradas e ao sentido dado a essas experiências pelos sujeitos, é de grande valia ao abordarmos a temática. Mais do que respostas, esse artigo incita ao interesse na abordagem da pornografia por antropólogas e sociólogas, trazendo para a discussão categorias caras às disciplinas, como gênero, sexualidade, classe, corporalidade e emoções.

Referências

ABÍLIO, Ludmila. *Sem Maquiagem: O Trabalho de um Bilhão de Dólares*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BALTAR, Mariana. Corpos, pornificações e prazeres partilhados. *Revista ImagoFagia*, v. 18, p. 564-588, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7284950.pdf>. Acesso em: maio/2024.

BENELLI, Silvio José. Goffman e Foucault: semelhanças e diferenças. In: *A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 85-89. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/74z7q/pdf/benelli-9788568334447-05.pdf>. Acesso em: dezembro/2023.

BONOMI, Carolina. "Mulher da Vida, É Preciso Falar": um estudo do movimento organizado de trabalhadoras sexuais. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2019.1129303>. Disponível: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=495227&tipoMidia=0>. Acesso em: maio/2024.

BRASIL. *Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Institui o Código Penal Brasileiro. Brasília, DF, 2002.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade. *Mana*, v. 21, n. 1, p. 65-90, 2015. <https://doi.org/10.1590/0104->

93132015v21n1p065 . Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/mana/a/ddPwc8SPLV99896qZW4b5Zq/abstract/?lang=pt>.
Acesso em: janeiro/2024.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. O gênero da humilhação. Afetos, relações e complexos emocionais. *Horizontes Antropológicos* [online]. 2019, v. 25, n. 54, pp. 51-78. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200003>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ha/a/H9yqdHQtfhCnVPjsZgCWtrr/abstract/?lang=pt>.
Acesso em: janeiro/2024.

CAMINHAS, Lorena. Erotic experience: technology-mediated sex markets. In: KOPECKA-PIECH, Katarzyna; SOBIECH, Mateusz. *Mediatisation of Emotional Life* (org). Routledge, pp. 234-249, 2022.

CAMINHAS, Lorena. Webcamming erótico comercial: nova face dos mercados do sexo nacionais. *Revista de Antropologia* 64 (1): 1-22, 2021. <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2021.184482>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/184482>.
Acesso em: fevereiro/2025.

CAMINHAS, Lorena. Reconhecimento em DirtyWorks: A Gestão do Estigma no Trabalho Sexual. *DADOS*, Rio de Janeiro Vol.68 N.2, 2025. <https://doi.org/10.1590/dados.2025.68.2.364>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/dados/a/skNyYxjv5CjPcNNw4wqy6zC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: junho/2025.

FASSIN, Didier. Et la souffrance devient sociale: de l'anthropologie médicale à une anthropologie des afflictions. *Critique: revue générale des publications françaises et étrangères*, Paris, n. 680-681, p. 16-21, 2004.

FERREIRA, Cinthya Bastos. Novas veredas da prostituição? Um olhar sobre a plataformação do trabalho sexual no mercado digital do sexo", Paper, ANPOCS, 2024. Disponível em:
<https://www.encontro2024.anpocs.org.br/arquivo/downloadpublic?q=eyJwYXJhbXMiOij7XCJJRF9Bu1FVSVZPXCi6XCIzMDIzXCJ9IiwiaCI6ImQ0OGI5NGYzODgyNWIwMzczZDIxMmNkMGYyZjUwMTQ2In0%3D>. Acesso em novembro/2024.

FERREIRA DIAS, Weberton; de AQUINO GOMES, Suely Henrique; PEREIRA DA COSTA, Deyvisson; de Sousa Oliveira, Maylon Lyggon. O grotesco midiático e a resistência de corpos travestis em reportagens policiais, 2024. *Esferas*, 1(27), 1-23. <https://doi.org/10.31501/esf.v1i27.14210>. Disponível em:

<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14210>. Acesso em: janeiro/2024.

FISHER, Marla Renee; TURNER, Caitlin; McFARLAND, Willi; BRESLOW, Aaron Samuel; WILSON, Erin; ARAYASIRIKUL, Sean. Through a Different Lens: Occupational Health of Sex-Working Young Trans Women. *Transgender Health*, Volume 8, Number 2, p. 200-206, 2023. doi: 10.1089/trgh.2021.0109. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37013087/>. Acesso em: janeiro/2024.

FOUCAULT, Michel. *The Birth of Biopolitics: Lectures at the Collège de France, 1978-79*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. LCT Editora, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

HARVEY, David. *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HOCHSCHILD, Arlie R. *The commercialization of intimate life: notes from home and work*. Berkeley, The University of California Press, 2003.

ILLOUZ, Eva. *Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism*. Cambridge: Polity, 2007.

LAURIN, Daniel. Subscription Intimacy: Amateurism, Authenticity and Emotional Labour in Direct-to-Consumer Gay Pornography. *International Journal of gender studies*, Vol. 8 No. 16. Rethinking Gender and Agency in Pornography: Producers, Consumers, Workers, and Contexts 2019. <https://doi.org/10.15167/2279-5057/AG2019.8.16.1114>. Disponível em: <https://riviste.unige.it/aboutgender/article/view/1114>. Acesso em: janeiro/2023.

LEITÃO, Débora K; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Revista Antropolítica*, n.42, p. 41-65, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41884>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884>. Acesso em: janeiro/2023.

LIMA, Jacob. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? *Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, no 25, set./dez. 2010, p. 158-198, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222010000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/8hRj9BY85Ffqc9fpYvbjx9c/?lang=pt>. Acesso em: janeiro/2025.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, vol. 24, p. 95–117, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>. Acesso em: junho/2025.

MELO DOS SANTOS, Dionys. Dos consultórios às delegacias: o corpo travesti no cinema da Boca do lixo paulistana. *Áskesis*, 2018. DOI:10.46269/7118.297. Disponível em: https://www.academia.edu/127845947/Dos_consult%C3%B3rios_%C3%A0s_delegacias_o_corpo_travesti_no_cinema_da_Boca_do_lixo_paulistana. Acesso em: dezembro/2024.

MILANO, Laura. *Usina Posporno*: disidencia sexual, arte y autogestión en la pospornografía. Buenos Aires: Título, 2014.

MOIRA RODOVALHO, AMARA. O cis pelo trans. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(1): 422, janeiro-abril, p. 365-373, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p365>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Ct6B9JMscBjgK4DZgjXQkgn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: julho/2025.

PAASONEN, Susanna. *Carnal Resonance*: affect and online pornography. Cambridge: MIT Press, 2011. <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262016315.001.0001>. Disponível em: <https://academic.oup.com/mit-press-scholarship-online/book/22131>. Acesso em: dezembro/2024.

PARREIRAS, Carolina. “Não leve o virtual tão a sério”? - uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no online. In: FERIANI, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo da; DULLEY, Iracema. (orgs). *Etnografia, Etnografias. Ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico*. São Paulo: Annablume, 2011.

PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. *Cadernos pagu* (38), janeiro-junho de 2012, pp.197-222, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Jq6mhzRCpqw5PSScSfCTbbK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: dezembro/2023.

POELL Thomas; NIEBORG, David; DIJK, van José; Plataformização. Vol. 22 No 1. *Revista Fronteiras* - estudos midiáticos: janeiro/abril de 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>>. Acesso em: maio/2024.

REDE TRANS. Censo Trans: reflexões sobre os dados do censo trans. *Rede Trans*, 2020. Disponível em: https://redetransbrasil.org.br/wp-content/uploads/2022/06/REDE-TRANS_Censo-Trans-2020-pub-web.pdf. Acesso em: novembro/2024.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres*: notas sobre a ‘economia política’ do sexo. Edição S.O.S Corpo, Recife, 1993.

RAND, Helen. Challenging the Invisibility of Sex Work in Digital Labour Politics. *Feminist Review*, no. 123, pp. 40–55, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26871434>. Acesso em: maio/2024.

RYAN, Paul. Netporn and the Amateur Turn on OnlyFans. IN: *Male Sex Work in the Digital Age*, p.119-136, 2019.

SLEE, Tom. *Uberização*: A nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Elefante, 2017.

STATISTA. Statistics for twitter, 2024. Disponível em: <https://www.statista.com/topics/737/twitter/#statisticChapter>.

SILVA, Léo da. “*Eu sou uma prostituta virtual*”: enTRANSlizando experiências entre produtoras de pornografia plataformizada. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFRGS). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/292643>. Acesso em maio/2025.

STUTZ, Clover; GOMES, Nyx; RAMSEY, Laura; KING, Teresa; JACKSON, Theresa E.; MARTINS. We Hate Sex Workers in this Country: Stigma in Online Sex Work. *Sexuality & Culture*, Vol. 28, p. 1-23, 2023. DOI:10.1007/s12119-023-10168-x. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/375638743_We_Hate_Sex_Workers_in_this_Country_Stigma_in_Online_Sex_Work. Acesso em: maio/2024.

STUTZ, Clover; GOMES, Nyx; RAMSEY, Laura; KING, Teresa; JACKSON, Theresa E.; MARTINS. “I’m not just made for men”: Managing misogyny in online sex work. *Feminism & Psychology*, 2024. Vol. 34(1) 88–111. DOI:

<https://doi.org/10.1177/09593535231184718>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/09593535231184718>. Acesso em: janeiro/2025.

Agradecimentos

Agradeço a leitura atenta e comentários generosos de Carolina Parreiras (PPGAS/USP), Lorena Mochel (PPGCS/UFRRJ) e Paula Sandrine Machado (PPGPSI/UFRGS). Suas contribuições foram de extrema importância na escrita deste artigo e na pesquisa que venho realizando.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Recebido em 31 de janeiro de 2025.

Aceito em 19 de agosto de 2025.